

Brasil ainda paga a conta da moratória de 1982

Mercado cobra juros maiores ao comprar bônus brasileiros do que de países como Filipinas e Panamá

Isa Marcelo Aguiar e Marcelo Rehder

RIO e SÃO PAULO. O Brasil paga até hoje no mercado internacional pela moratória declarada na década passada. A memória do calote não sai da cabeça dos investidores e, por isso, o preço cobrado na hora de emprestar dinheiro ao país é mais alto. A classificação do Brasil nas agências de análise de risco é pior que a de países em plena convulsão econômica e política, como Colômbia, Tailândia, Rússia, Filipinas, Croácia e Polônia. Abaixo do Brasil, na classificação da Moody's, apenas Bulgária e Indonésia. Na Standard & Poors, somente Indonésia, Turquia e Venezuela.

O país é tratado no mercado internacional como um correntista que tenha acabado de tirar o nome da lista do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC). Há crédito, mas o preço é mais alto. É uma questão de confiabilidade. Na emissão de bônus globais da segunda-feira passada, o Brasil precisou pagar uma taxa de risco de 8,75 pontos percentuais acima dos juros dos títulos do Tesouro dos EUA. As Filipinas, em emissão de um título exatamente igual, pagaram apenas 3,375 pontos percentuais de *spread*. O Panamá prepara lançamento idêntico e, no consenso do mercado, deverá pagar algo entre 2,30 pontos e 2,50 pontos.

Krugman diz que Brasil está melhor do que países asiáticos

A metodologia de cálculo da Moody's e da Standard & Poors atribui a moratórias recentes um peso elevado na hora de calcular o risco representado pelo investimento em um país. O objetivo é levar a análise de cada país além de uma simples checagem sobre a capacidade de pagar a dívida. Valem também traços culturais.

Isso faz com que o país pague taxas mais altas para pegar empréstimos do que países que não têm a mesma capacidade de obter recursos e pagar dívidas.

O economista americano Paul Krugman, que há três anos previu que terminaria em crise o milagre dos tigres asiáticos, criticou ontem as análises de risco sobre o Brasil. Para Krugman, a situação

da economia brasileira não pode ser comparada com a de países asiáticos, como Coreia e Indonésia, nem com a mexicana, que no final de 1994 acabou provocando a primeira crise de credibilidade dos países emergentes.

— O problema são esses analistas de 29 anos da Bolsa de Londres, que movimentam bilhões de dólares a cada minuto, e que a qualquer momento podem desligar os investimentos de um país,

com base apenas em avaliações que não correspondem à realidade — disse Krugman, que fez palestra em São Paulo.

Segundo ele, não havia alternativa sensata para o Brasil, em outubro passado que não elevar os juros, para se defender da fuga de capital externo. Entretanto, para o economista, um dos gurus da equipe econômica brasileira, o país tem todos os ingredientes do que chamou de “crise de segunda

geração”, causada por problemas de crescimento e emprego.

— A produtividade cresceu muito mais que a própria economia, o que gera desemprego. O problema é que o Brasil tem espaço de manobra limitado, o que requer paciência e perseverança na política econômica.

Paul Krugman disse que os mercados mundiais estão errados em apostar que poderia haver uma desvalorização no preço

da moeda brasileira em breve.

— Vocês não têm um Governo idiota. Eu conversei com pessoas inteligentes em Brasília e eles entendem muito bem a situação.

Krugman afirmou ainda que o Brasil poderia adotar uma taxa de “câmbio flutuante gerenciada” quando atingisse “a idade adulta”, isto é, o momento em que não precisasse mais se preocupar com a credibilidade junto ao mercado internacional. ■

A CLASSIFICAÇÃO DAS AGÊNCIAS DE RISCOS

STANDARD & POORS		MOODY'S	
Malásia	A	Malásia	A 1
China	BBB +	China	A 3
Colômbia	BBB -	Colômbia	BAA 3
Tailândia	BBB -	Coreia	BA 1
Filipinas	BB +	México	BA 2
Panamá	BB +	Jordânia	BA 3
Argentina	BB	Cazaquistão	BA 3
Peru	BB	Rússia	BA 3
BRASIL	BB -	Marrocos	B 1
Venezuela	B +	BRASIL	B 1
Indonésia	B -	Indonésia	B 3